



COORDENADOR — TEN-CEL HUGO DE ANDRADE ABREU

I — O SOLDADO PARA-QUEDISTA

Major OCTAVIO ALVES VELHO

Muitos e variados são os meios empregados nas operações aeroterrestres: o mais formidável, contudo, é o **Soldado Para-quedista**. O avião, o pára-quedas, o equipamento especializado, a organização peculiar — nada disso caracteriza tão bem a tropa aeroterrestre quanto a qualidade de seu soldado. É ele quem, em última análise, decide do sucesso de um assalto aeroterrestre. E, para bem operar, tal e qual sucede com seu material, precisa ser perfeitamente compreendido e constantemente mantido em forma para o combate.

Quem é o soldado pára-quedista? Em que difere ele dos demais combatentes? Quais são os seus problemas mais comuns? Como podem ser estes evitados ou solucionados?

Em 1950, um distinto oficial médico do Exército Norte-americano, veterano do pára-quedismo e então Chefe do Serviço de Saúde da 82ª Divisão Aeroterrestre daquela nação irmã, realizou minucioso estudo a esse respeito. No período de maio a dezembro daquele ano, entrevistou e examinou 582 soldados encaminhados à Clínica de Higiene Mental da Divisão, devido à problemas de natureza médica ou personalógica. Conquanto não fôsse especializado em psiquiatria, nem se tratasse de um psicoterapeuta, o Ten-Cel Spulgeon H. Neel Júnior possuía grande cultura profissional, longo tirocínio como médico militar, experiência de combate (durante a 2ª Guerra Mundial, fôra condecorado duas vezes com a "Medalha de Bronze", equivalente a nossa "Cruz de Combate de 2ª Classe", e uma com a **Purple Heart**, por ter sido ferido em ação) e conhecimento pessoal das emoções vividas pelo pára-quedista militar, além de elevados sentimentos de solidariedade humana ("empatia") e de espírito-de-corpo. Tudo isso assegurou-lhe

as bases necessárias para a consecução de esplêndidos resultados em sua interessante e útil investigação. No ano seguinte, já aluno da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em Fort Leavenworth, publicou um relato de suas conclusões na revista "Combat Forces Journal", número de dezembro de 1951.

Seria deveras ideal se dispuséssemos no Brasil dos recursos em pessoal e material especializados, para levarmos a cabo, nós mesmos, uma pesquisa análoga. Enquanto, porém, tal não pudermos fazer, julgamos lícito tomar como ponto de partida o estudo acima citado, fazendo as indispensáveis adaptações, já que outras são as condições brasileiras. Lembremos, sem embargo, que as reações individuais não variam muito devido a razões de ordem biológica ou psicológica, mas tão somente por contingências culturais — tomando-se aqui "cultura" em sua acepção sociológica, isto é, como "um sistema de idéias, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade.

As condições de aceitação dos candidatos à tropa aeroterrestre não são puramente clínicas e físicas, senão também referentes à vivacidade mental, ao equilíbrio emocional, ao autodomínio e à agressividade (sendo esta considerada no sentido de "combatividade"). Antes de procurarmos apreciar alguns dos problemas específicos dos pára-quedistas, cumpre esboçarmos certos traços comuns de sua psicologia.

Todo pára-quedista militar é voluntário. Ele escolhe a tropa aeroterrestre, mas esta, por sua vez, também o escolhe. Este processo de seleção mútua serve de base a toda sua futura formação e aperfeiçoamento. Após severos exames e testes e uma vigorosa preparação física, realizada no decorrer da Instrução Básica Militar, os recrutas vão para a área de Instrução Básica Aeroterrestre. Ali, ao lado de oficiais e de praças antigos, também voluntários ao pára-quedismo, são submetidos a acurado treinamento técnico, sem quaisquer privilégios ou favoritismo, e que é coroado por cinco saltos de um avião em vôo. Esse início em comum — na provação e na comprovação de sua robustez e tenacidade — proporciona uma identificação entre oficiais e praças não encontrada em nenhuma outra tropa, e que, prosseguindo através de toda sua atividade aeroterrestre, constitui o fundamento das relações de comando e subordinação.

Os voluntários para o pára-quedismo provêm de todos os Estados e Territórios da Federação e de todas as classes sociais e atividades profissionais. Ali são representados todos os credos religiosos, origens étnicas, graus de instrução. Até hoje nada há, nos EE.UU ou no Brasil, que possa caracterizar determinado grupo como sendo o que dá melhores pára-quedistas.

Muitas são as razões que levam o homem a procurar voluntariamente servir na tropa aeroterrestre, examinando-as, podemos vislumbrar o tipo e o grau de sua motivação. A compreensão desta, outróssim, permite predizer a personalidade básica do soldado pára-que-

disto, quais os seus objetivos na vida, quais os problemas individuais com que provavelmente se defrontará. Para facilidade de discussão, as motivações para servir na tropa aeroterrestre podem ser divididas em dois grupos principais:

— O grupo maior é o agressivo — os que pertencem a este, procuram progredir e conquistar um lugar na vida. O serviço aeroterrestre oferece-lhes uma oportunidade para filiar-se a um grupo exclusivamente de voluntários rigorosamente selecionados, com uma tradição magnífica e um futuro promissor. A gratificação de salto e o uniforme que distingue o pára-quedista são um outro incentivo, porém devem ser tomados em sua devida perspectiva, ao lado de fatores menos concretos, como sejam o moral individual e o espírito-de-corpo. Os homens deste grupo dão bons pára-quedistas e, em compensação, alcançam um meio socialmente aceitável de expressar sua agressividade e sua necessidade de reconhecimento, ao buscarem realizar-se em meio ao prosaísmo e à chatice do mundo de hoje. São raros, entre eles, os problemas disciplinares e de personalidade.

— O outro grupo, bem mais reduzido, é constituído pelos “escapistas”. Geralmente procuram a vida militar, tentando escapar a certas responsabilidades desagradáveis da vida civil, apenas para descobrir que terão essas mesmas responsabilidades no Exército, e ainda por cima dentro de um sistema social mais rígido. São atraídos para a tropa aeroterrestre pelo prestígio desta e pelas maiores vantagens financeiras. É apreciável o número dos que se apresentam impulsionados por motivações tão precárias e alguns chegam mesmo a qualificarem-se pára-quedistas, somente para constatar que suas responsabilidades são multiplicadas e que se passa a esperar muito mais da parte deles. Para estes, a tropa aeroterrestre representa como que a idéia de “Legião Estrangeira”, tão comum há alguns anos, e uma vez pertencentes a ela, não mais lhes parece possível escapar.

Um corolário interessante desta concepção ocorreu nos Estados Unidos, tempos atrás, quando foi aberto o voluntariado para as então recém-criadas Companhias de **Rangers** (correspondentes aos **Commandos** britânicos): uma percentagem relativamente alta desses homens desajustados procurou evadir-se uma vez mais, apresentando-se como candidatos àquelas unidades de escol. O Exército Norte-americano emvidou esforços sérios, através de cuidadoso estudo das alterações e das fichas disciplinares dos voluntários, isso após severíssima seleção psicotécnica, a fim de identificar esses homens e conservá-los em suas unidades de origem, onde poderiam ser recuperados e convertidos em soldados eficientes. Uma subdivisão particularmente nociva deste grupo de “escapistas” é a dos que deliberadamente se aproveitam da possibilidade de transferência da tropa aeroterrestre para outras unidades, com o fito de fugirem qualquer situação militar incômoda ou que requeira deles o cumprimento de responsabilidades bem definidas. Trata-se de maus pára-quedistas militares, só interessados no aspecto esportivo e aventureiro do pára-quedismo, e demandam enorme trabalho por

parte dos escalões de comando e do Serviço de Saúde. Assim, uma minoria bem pequena de pára-quedistas é responsável pela maioria dos problemas enfrentados pelos comandantes da tropa aeroterrestre.

O soldado aeroterrestre é jovem, não só por força da Lei do Serviço Militar, como igualmente pela natureza de suas atividades normais. Daí se conclui logo a respeito de seu estado civil e de seus interesses sociais, o que é mais importante, isso indica uma reação contra a autoridade, sua necessidade de liderança forte (paternal), e os seus sentimentos para com os camaradas (irmãos-de-armas) e para com o chefe (o "velho"). Afirmar que o soldado pára-quedista geralmente é imaturo, seria um erro. Ele é apenas um jovem, mal saído da adolescência (às vezes, nem isso), porém sua maturidade emocional e mental é a própria de sua idade. É, via de regra, impressionável e visionário, mas não um sonhador que viva em um mundo de fantasia: o pára-quedismo é uma realidade mental e física bem nítida. A maneira pela qual ele se ajusta ao estilo de vida aeroterrestre depende sobretudo do ponto-de-vista "jovem" com que aceita suas responsabilidades individuais, que estão em permanente mudança, seja na instrução, seja no combate. Sua flexibilidade de atitudes e de inteligência é tão importante quanto a de suas articulações: são os jovens no coração e na mentalidade que dão os melhores pára-quedistas.

O soldado pára-quedista é agressivo, e é a intensidade desta característica que o distingue acima de qualquer outra coisa. A agressividade, todavia, é uma espada de dois gumes: embora explique a grande eficiência do pára-quedista em combate, é também responsável por muitos dos problemas pessoais e disciplinares, máxime em tempo de paz. Ser agressivo não é o mesmo que ser anti-social. No primeiro caso, trata-se de uma força salutar de extraordinário valor tanto para o indivíduo quanto para o Exército, ao passo que no segundo o que se faz sentir é um ímpeto anárquico, destruidor e pervertido, que age em detrimento do homem e da coletividade. A agressividade só é sadia quando se volta contra um adversário ou contra qualquer situação difícil; é indesejável quando dirigida contra a unidade ou corporação do indivíduo, e patológica quando se volta contra o próprio eu. A "manutenção preventiva" do soldado pára-quedista, sob o aspecto de higiene mental, consiste, em grande parte, em proporcionar-lhe metas valiosas e socialmente aceitáveis para sua agressividade natural — o inimigo, objetivos a atingir na instrução e no serviço, competições desportivas. A energia está presente no homem e não pode ser negada nem discutida: tem de ser dissipada ou sublimada.

O soldado pára-quedista tem brio e grande amor-próprio; passou por uma rigorosa triagem e provou do que é capaz. Vangloria-se de seus próprios feitos e dos de seus antecessores. Foi selecionado e instruído tendo em vista padrões perfeccionistas, e espera que estes sejam satisfeitos pelos demais. É intolerante para com todos quantos não correspondam às expectativas dêle. Suas botas de salto, seu brevê e os distintivos que ostenta no braço e no gorro são símbolos de sua posição

social (status), e para êle sintetizam a honra pessoal e o pundonor profissional. Ufana-se dêles não por mero exibicionismo, mas sim porque condensam certos sentimentos profundos e intangíveis.

O soldado pára-quedista, mais do que qualquer outro, é dotado de espírito de clã. Não só proclama aos quatro ventos sua condição de pára-quedista, como faz questão de citar a unidade ou subunidade a que pertence. Tôda a preocupação que se nota com pormenores relativos a diversos tipos de brevê, côr do gorro, distintivos, etc., nada mais exprime do que a tentativa de materializar essas identificações estreitas dos pequenos grupos, onde os contatos predominantes são do tipo "face-a-face". Estes poderosos elos de afeição entre os pára-quedistas, dentro das subunidades e mesmo frações, é que respondem pela comprovada eficiência dos elementos aeroterrestres em situações de isolamento e em operações independentes. O respeito mútuo existente entre o soldado pára-quedista e os "seus" oficiais e sargentos, deriva da instrução básica em que juntos sofreram e dos contatos cerrados que têm a partir daí — principalmente por ocasião dos saltos, quando comungam das mesmas emoções e perigos e quando cada um dêles verifica o equipamento do companheiro da frente ou da retaguarda (sem olhar a pôsto ou graduação), dando-lhes o "Pronto". Nos Estados Unidos, onde já é grande o número de unidades independentes e de Grandes Unidades Aeroterrestres, o soldado pára-quedista resiste tenazmente à idéia de ser transferido de uma para outra; uma vez, porém, que isso seja fato consumado, rapidamente transfere sua lealdade para a nova organização, e em breve afirma, novamente, que pertence "à melhor unidade do Exército". Quando um camarada morre, quer em combate, quer na instrução, a intensa emoção sentida por êle transforma-se em sincera tristeza, chegando muitas vêzes a assumir características neuróticas e a exigir cuidados médicos.

Essa é, a grosso modo, a psicologia do soldado pára-quedista: êle é jovem no espírito e no corpo, agressivo, e muito apegado ao grupo. Estes atributos psicológicos são elementos indispensáveis do pára-quedismo militar. Ao mesmo passo que determinam a eficiência em combate do soldado pára-quedista, tornam-no mais exposto à certas dificuldades de ordem pessoal e disciplinar, em tempo de paz e nos intervalos entre operações de guerra. Ao analisarmos qualquer pessoa, devemos sempre levar em conta o seu ambiente, pois, como dizem Rumney e Maier "tôda a psicologia é, em grande parte, social, já que não se conhece o homem isolado de seus semelhantes: a natureza humana é intrinsecamente social... Por outro lado, todos os fenômenos sociais são, até certo ponto, psicológicos, visto como se alicerçam nos desejos, emoções e aspirações dos homens". Durante a instrução, e mais especialmente em combate, o pára-quedista é ensinado a respeitar a força e a desprezar a fraqueza sob qualquer aspecto. Vê-se rodeado de outros homens iguais a si e comandado por oficiais e sargentos animados por motivações e ideais semelhantes aos seus. Seu treinamento é árduo e freqüentemente realizado em condições assaz realistas, desenvolvendo nêle um vivo gôsto pelas atividades e prazeres físicos. É

americana, baseada em amostra representativa, atesta que só é possível recuperar homens cuja personalidade básica é normal, e que se desajustaram tão só por terem sido submetidos a tensões invulgares ou excessivas. As tensões que mais amiúde precipitam desajustamentos de situação, vêm a ser as seguintes:

1º. — Dificuldades na vida doméstica, associadas ou não à atividade aeroterrestre;

2º. — Deficiências do sistema de seleção, qualificação, promoção e classificação, que levam indivíduos não habilitados a exercer funções ou a ocupar postos acima de suas possibilidades;

3º. — Conflitos de personalidade entre o indivíduo e seus camaradas ou seus chefes imediatos, devido a preconceitos ou a razões pessoais. (Isto é menos freqüente no Brasil que nos Estados Unidos);

4º. — Exigências excessivas, de trabalho em paz ou tensões na guerra, resultantes do mau vézo de se sobrecarregar os bons elementos, poupando aos que não o são.

Os três problemas disciplinares gerais, considerados como de maior interesse para os comandantes aeroterrestres pelo pesquisador norte-americano, são a ausência, as doenças venéreas e o ânimo francamente briguento. No Brasil, parece-nos devermos acrescentar as questões correlatas do casamento das praças e do reconhecimento de filhos ilegítimos.

A ausência não é, entre os pára-quedistas, o mais das vezes, uma evasão a serviços pesados ou arriscados, mas antes uma forma de "ataque" contra situações desinteressantes ou enfadonhas. É menor o número de ausentes, e até mesmo de simples faltosos, em época de grande atividade de saltos, exercícios táticos, manobras, competições desportivas, etc., do que nos intervalos em que predominam as sessões em sala ou os trabalhos de faxina. No Exército norte-americano, por outro lado, observou-se durante a guerra que era comum pára-quedistas terem alta por evasão dos hospitais onde estavam convalescendo para regressarem a suas unidades na linha de frente.

As doenças venéreas são um flagelo da mocidade, fruto da organização social na cultura ocidental, da má educação sexual, de defeitos de orientação pessoal e de outros fatores fora da órbita de nosso artigo. Embora deploráveis, são um outro meio de satisfação das tendências agressivas é possível minorar seus efeitos por meio de uma adequada orientação espiritual, assistência médica e educação sexual racional.

Muito de perto ligados às doenças venéreas estão as questões acima citadas do casamento dos praças e do reconhecimento de filhos ilegítimos. Nesta última, cabe a ação decisiva do líder militar como educador, já que a imensa maioria de nossos recrutas chega à caserna sem a necessária preparação para enfrentar tais problemas. Quanto à primeira depende-se do Alto Comando do Exército para ser introduzida uma atualização na legislação a respeito. Parece-nos que já é tempo de cogitarmos de rever o "Estatuto dos Militares" e outras leis básicas,

atendendo-se à evolução das condições sociais e econômicas, ao espírito da Constituição vigente e aos ditames da Moral e da Razão. Devemos estimular, e não reprimir os anseios dos jovens que preferem constituir legalmente família a viverem na promiscuidade sexual, a esbanjarem sua saúde e a perverterem-se em ligações fáceis e aventuras em que se conspurcam os mais nobres sentimentos do homem. Cabe à Família e ao Estado — quando aquela falta, conforme tão desgraçadamente se vê hoje — ampararem seus novos membros que querem unir-se, em vez de forçá-los a procurarem soluções inferiores, degradantes e arriscadas, para seus naturais desejos de criar raízes e de expressar-se sexualmente.

Quanto à má conduta, freqüentemente sob a forma de brigas e badernas no meio civil, é igualmente encontrada e indesejável, a despeito de todos os esforços: isso reflete, também, a agressividade, o amor-próprio e o amor ao grupo. Talvez o efeito secundário mais desagradável da seleção e instrução rigorosas dos pára-quedistas seja a tendência de alguns destes para olharem como inferiores aos demais soldados, que não passaram por êsse processo de filtragem, e a que desdenhosamente alcunham de “pés pretos”.

Qual é a solução para êstes problemas que nos deixam perplexos? Será que a tropa aeroterrestre terá sempre de suportar a praga destas dificuldades disciplinares para que possa manter-se em forma para o combate?

A maioria dos problemas apontados podem ser reduzidos a um denominador comum: “Liderança”. Não é fácil comandar pára-quedistas: é um desafio à capacidade de chefia de todos os que são distinguidos com semelhante honra.

Malgrado a rígida disciplina que caracteriza a tropa aeroterrestre, dificilmente os pára-quedistas seguirão um chefe fraco e ineficiente, e que não tenha demonstrado seu valor por fatos concretos. O oficial ou sargento pára-quedista não pode confiar apenas em seu posto ou graduação e em sua função: êle tem de “conquistar” seu direito ao comando, graças à capacidade pessoal. O soldado pára-quedista percebe rapidamente as “máscaras”, o “farol”, as falsas fachadas: êle espera perfeccionismo por parte de seus superiores.

O Ten-Cel Neel, parafraseando o notável líder militar que foi o General George S. Patton, Júnior, diz: “Comandar uma unidade aeroterrestre é como comer espaguete. Não se pode empurrá-lo por detrás: é mister puxá-lo pela frente”. Tal e qual o oficial pára-quedista lidera sua equipe na porta do avião, deve fazê-lo igualmente em tôdas as situações, dando-lhe o adequado exemplo moral, social e intelectual: seus homens serão o que êle fôr. A despeito de sua eventual juventude, o oficial pára-quedista tem que reconhecer e gostar de ocupar sua posição “paternal”, exercendo seus deveres de forma firme, justa, sincera e amadurecida. Deve saber manter sua dignidade pessoal e respeitar a de todos os seus homens.

Jamais deve procurar fazer demagogia ou mimar seus subordinados, pois isto será logo devidamente reconhecido como fraqueza de sua parte. Os soldados pára-quedistas detestam qualquer fraqueza, sobretudo em um chefe; nunca deverá, sem embargo, confundir energia com falta de educação. Compete aos oficiais e sargentos a criação e a manutenção de um bom clima de relações humanas na unidade: estas, como já foi dito alhures, são sempre "uma rua com duas mãos de direção".

A instrução deve ser progressiva e vivificada por uma imaginação fértil em recursos. Devem ser exploradas ao máximo a energia e a agressividade dos soldados, inclusive em atividades recreativas, onde também os chefes deverão dar o exemplo. O pára-quedista, jovem e impressionável, seguirá os líderes até o combate, à igreja, a um jogo, ou a outras atividades não tão sadias ou produtivas.

O soldado pára-quedista é um recurso humano de valor militar inapreciável. Bem comandado, corretamente esclarecido e orientado, não só ganhará a guerra, mas também vencerá quaisquer maus impulsos que porventura tenha.



Caixa de 100 Comprimidos

DOR - GRIPE - RESFRIADOS
RODINE

A boa enfermeira



A marca de confiança

R-106-160

II — DO FUZIL AOS MÍSSEIS

Cap. Álvaro Fernandes F. Galvão Pereira

*Condensação de um Trabalho do Maj-Gen J. H. Hinrichs,
publicado na Revista "Army Information Digest".*

SEGUNDA PARTE

6 — NOVAS ARMAS

Durante 15 anos os cientistas e engenheiros têm estado desenvolvendo novas armas as quais conservarão o Exército a par das exigências da nova era de projéteis dirigidos, foguetes e explosivos nucleares. O mais espetacular tem sido o desenvolvimento dos foguetes livres e mísseis dirigidos superfície-ar e superfície-superfície, porém o trabalho em armas especiais, embora não muito divulgado, tem progredido muito. Os primeiros dois mísseis operacionais produzidos pelo Exército são o Nike-Ajax e o Corporal.

O NIKE-AJAX é o primeiro míssil dirigido supersônico do Mundo Livre para a defesa aérea, disparado de terra para interceptar e destruir um avião inimigo independentemente de qualquer ação evasiva. As unidades de Nike-Ajax há muitos anos acham-se localizadas em torno de indústrias vitais e aéreas estrategicamente importantes dos Estados Unidos.

O NIKE-HÉRCULES, o segundo míssil dirigido superfície-ar instalado no país, com combustível sólido, está atualmente sendo introduzido no sistema de defesa aérea. É capaz de enfrentar e destruir um avião a maiores distâncias e altitudes do que o Nike-Ajax e pode ser equipado com ogiva atômica. Dispositivos internos de segurança impedem uma detonação atômica a uma altitude suficientemente baixa para causar danos às regiões circunvizinhas. (Figura 8)

O CORPORAL, um míssil dirigido (de artilharia) superfície-superfície, equipado tanto com ogiva convencional de alto explosivo como atômica, é capaz de atingir alvos táticos além de 75 milhas. Esta arma proporciona grande potência de fogo ao comandante das forças terrestres no campo de batalha e permite bombardear alvos distantes no território inimigo. Utilizando um motor de combustível líquido, percorre uma trajetória balística durante a maior parte do seu vôo supersônico para o alvo. Na Europa Ocidental acham-se estacionados Grupos Corporal. (Figura 9)

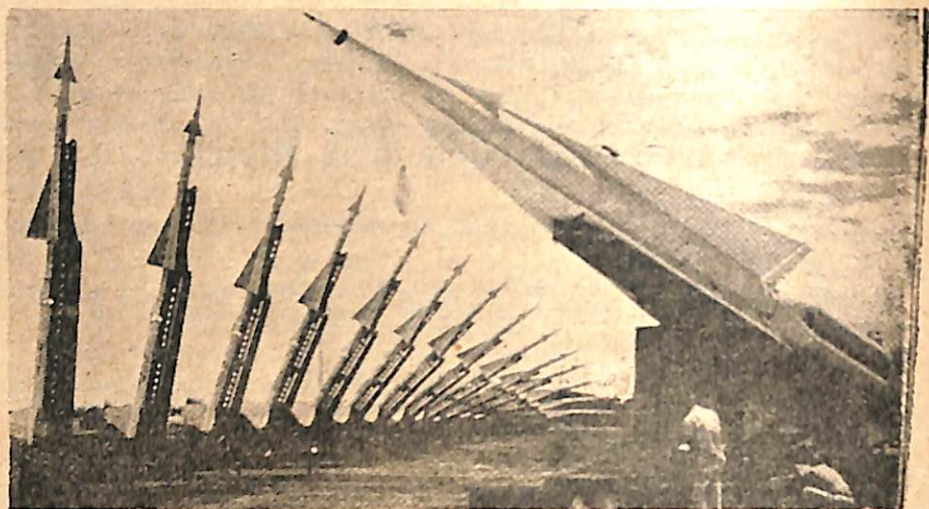


Figura 8 — Nike-Hércules, à direita e Nike-Ajax, em linha à esquerda

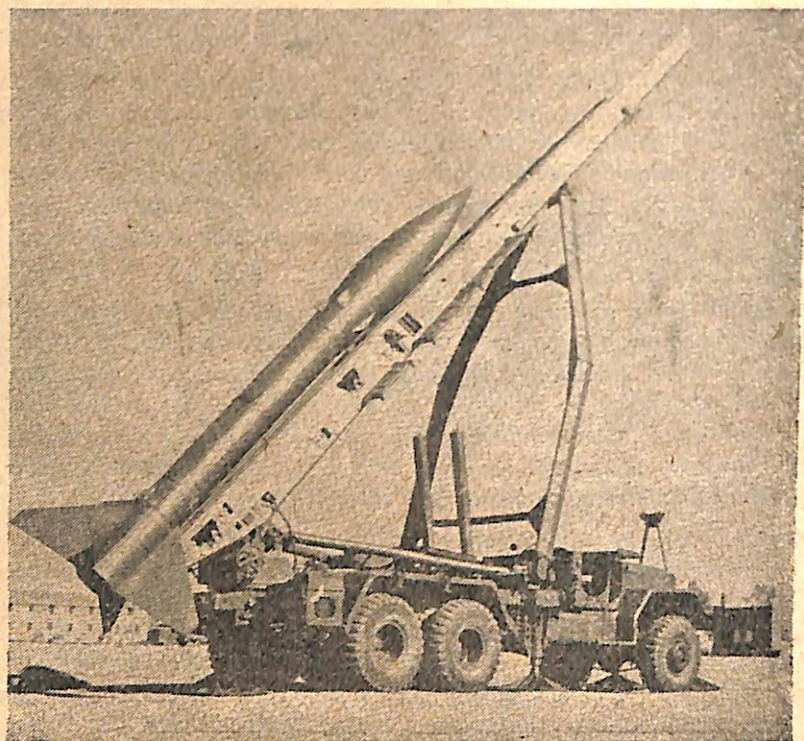


Figura 9 — Corporal

O HONEST JOHN é outra nova arma do Exército que já se acha integrada nas unidades de combate americanas de além-mar. Capaz de conduzir ou ogiva de alto explosivo ou ogiva atômica, será empregado na missão de ação de conjunto (artilharia) nas operações terrestres. Constitui uma arma de construção e operação simples uma vez que não possui contrôles eletrônicos. O Honest John tem alcance semelhante à artilharia média e pesada, porém um único foguete produz muito maior efeito destruidor no alvo do que centenas de granadas de artilharia. Sua plataforma de lançamento, autopropulsada, é dotada de grande mobilidade, mais do que as peças de artilharia convencional. (Figura 10)

O LITTLE JOHN é um foguete de cerca de 4 metros. De construção simples, dotado de motor a combustível sólido, tem maior poder

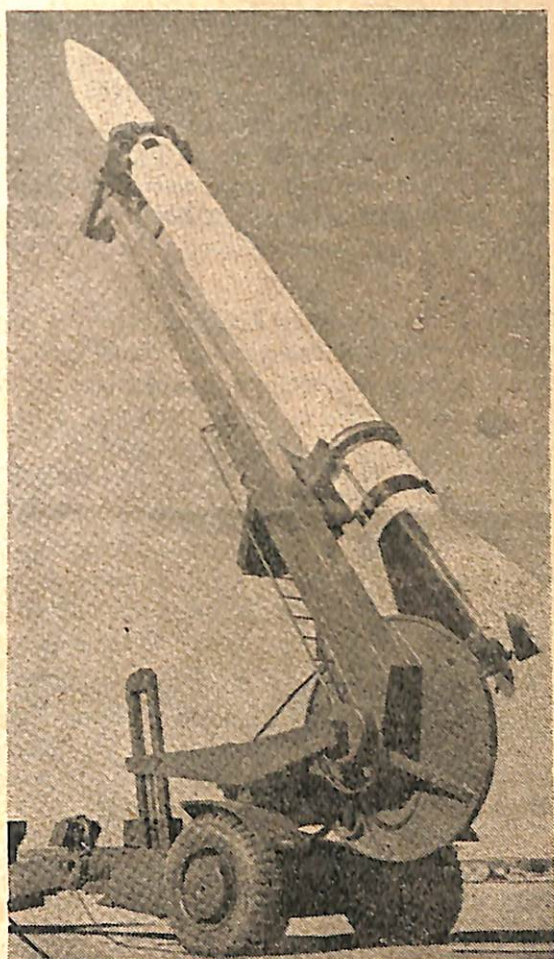


Figura 10 — Honest John

explosivo do que a artilharia pesada. O diminuto pêso do equipamento e da plataforma de lançamento permitem grande mobilidade e facilitam o lançamento em pára-quadras. O Little John foi distribuído à 101ª D Ae Ter, em For Campbell, Kentucky, para fins de instrução e aperfeiçoamento das técnicas de combate. (Figura 11)

O LACROSSE, míssil dirigido de artilharia de campanha para ação de conjunto, de grande precisão, pode ser empregado também com a missão de apoio direto às tropas em campanha. Míssil dirigido para "qualquer tempo", capaz de conduzir uma ogiva de efeitos destruidores altamente eficaz, é suficientemente preciso para destruir até pequenos pontos fortes. Pode substituir ou suplementar a artilharia convencional. (Figura 12)

O SERGEANT, um novo míssil dirigido superfície-superfície, substituirá o Corporal, já com 4 anos de idade. Este míssil dirigido de cerca de 10 metros de comprimento, a combustível sólido, é muito superior ao seu predecessor em potência, alcance e precisão; pode conduzir uma carga atômica ao interior do território inimigo e é invulnerável a qualquer contra-medida de defesa conhecida. Dotado de maior mobilidade do que o Corporal, o Sergeant pode ser estocado mais facilmente e pode ser pôsto em ação com maior rapidez. É transportável pelo ar e pode, rapidamente, entrar em posição e atirar acionado por uma pequena guarnição sob quase tôdas as condições de terreno ou tempo.

O REDSTONE, o maior míssil dirigido balístico americano, superfície-superfície, pronto para utilização operacional em campanha, suplementa e aumenta o alcance dos maiores canhões de artilharia. Está apto a lançar cargas de alto explosivo ou atômicas a mais de 150 milhas. Unidades Redstone foram, recentemente, testadas em exercícios em campanha no Polígono de Tiro de White Sands, Novo México, e despachadas para a Europa, onde ajudarão a reforçar as defesas da NATO.

O PERSHING é o míssil balístico de combustível sólido escolhido para substituir o Redstone a combustível líquido. O novo míssil será menor, mais leve e dotado de maior mobilidade que o Redstone, e fornecerá ao Exército uma arma mais versátil e flexível para o campo de batalha do futuro.

O JÚPITER é um míssil balístico de alcance intermediário, com base em terra, desenvolvido pelo Departamento de Mísseis Balísticos do Exército, no Arsenal de Redstone, Alabama, de acôrdo com um projeto de grande prioridade iniciado em princípios de 1956. Uma vez que caberá à Fôrça Aérea utilizá-lo, o pessoal da Aeronáutica começou a ser instruído sôbre o Júpiter na Escola de Mísseis Dirigidos de Material Bélico do Exército, em fevereiro de 1958 e já foi entregue à Fôrça Aérea o primeiro míssil operacional.

Uma das maiores necessidades do Exército está em vias de ser satisfeita pelo novo HAWK — um míssil dirigido de cerca de 6 metros de

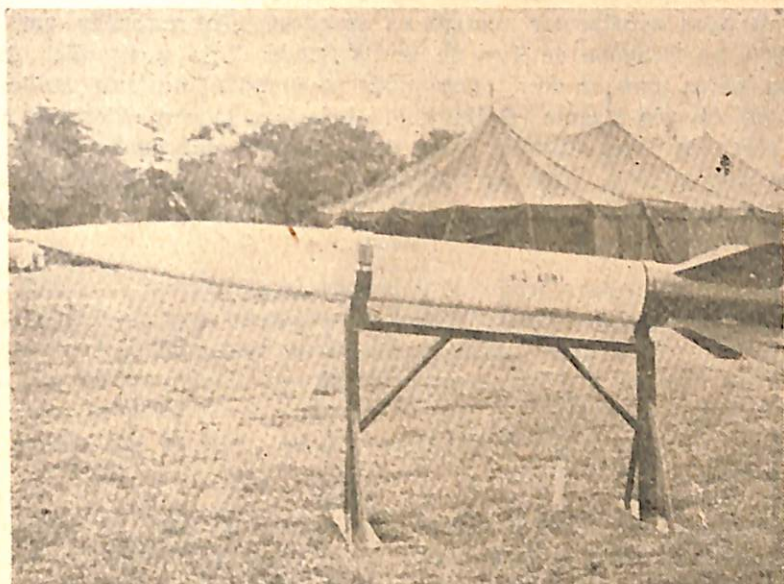


Figura 11 — Little John



Figura 12 — Lacrosse

comprimento por 30 centímetros de diâmetro, a combustível sólido — que alcançou espetacular sucesso na demonstração realizada em junho de 1958, no Polígono de Tiro de White Sands. Esta novíssima arma de defesa aérea conduz uma ogiva moderna e pode destruir aviões que ataquem um vôo razante. O Hawk preencherá a lacuna existente na defesa aérea de baixa altitude. Além de poder ser empregado na proteção de instalações fixas, pode ser utilizado junto com as mais velozes tropas de campanha. Está, também, prevista a sua adoção pelo Corpo de Fuzileiros Navais para combates terrestres.

Mais para o futuro acham-se dois mísseis anti-míssil — NIKE-ZEUS e PLATO. O primeiro está sendo desenvolvido com a finalidade de permitir a defesa contra mísseis balísticos intercontinentais armados com ogiva nuclear. O Plato, como parte de um sistema móvel anti-míssil para emprêgo no exterior, a fim de proteger as instalações e os exércitos dos Estados Unidos e dos seus aliados. Atirárá um míssil Zeus, modificado.

Com uma tal gama de armamento, é evidente que aumentou tremendamente, desde os últimos dias da 2ª Guerra Mundial, o custo de lançamento em campanha de um exército moderno. Porém, como foi acentuado inicialmente, ao Exército dos Estados Unidos só é permitido possuir o que há de mais novo e melhor, numa combinação adequada de armamento ultramoderno e convencional.

Refletindo esta necessidade vital, o Serviço de Material Bélico do Exército está, atualmente, esticando ao máximo os recursos de que dispõe a fim de prover um conjunto amplo de armas eficazes, desde o armamento individual até os grandes mísseis. Agora, mais do que nunca, o arsenal americano tem que estar repleto de armas modernas que o capacitem a cobrir o campo de batalha com a precisão, com a massa, ou com os engenhos atômicos, acompanhando as condições incertas e as necessidades variáveis do campo de batalha do futuro.

POTÊNCIA DE FOGO

Para Divisão, Corpo e Exército

O B J E T O S	A R M A	ALCANCE ÚTIL	ARMA ESPECIAL	A L V O S	DOTAÇÃO DE	O B S E R V A Ç Õ E S
O B J E T O S	105 mm	12.200 Jds	—	Reunião de pessoal, abrigo, carros de combate, pontes, via- turas, pontos fortes localizados	A D	Autorebocado ou autopro- pulsado
	155 mm	16.300 Jds	—	Idem do 105	A D	M 44, modelo A P. Também modelos AR
	8 pol	18.500 Jds	X	Idem do 105	AD-ACEX	Pode atirar granada atômica de 8 pol.
C A N H O E S	76 mm	17.000 Jds	—	Idem do 105	Unidade de re- conhecimento	Em CC leve
	90 mm	21.000 Jds	—	Idem do 105	Unidades Blindadas	Em CC médio. M56, canhão AP
	155 mm	25.700 Jds	—	Idem do 105	A C Ex	
	175 mm	35.000 Jds	—	Idem do 105	A C Ex	
	280 mm	35.000 Jds	X	Idem do 105	A Ex	Será brevemente substituído por mísseis dirigidos

ARMAMENTO

Companhia de Fuzileiros — Grupamento de Combate

A R M A	ALCANCE ÚTIL	A L V O S	DOTAÇÃO DE	O B S E R V A Ç Õ E S
M 1	600 Jds	Pessoal		Fuzil M1, .30, padrão na maioria das Unidades do Exército
M 14	600 Jds	Pessoal		Atualmente em produção experimental. Substituirá o M1
M 15	600 Jds	Pessoal		Do tipo do M 14, com cano reforçado. Substituirá o fuzil automático Browning
F A Browning	600 Jds	Pessoal		
Carabina	200 Jds	Pessoal		

I n d i v i d u a l

F u z i l e i r o s

C o m p a n h i a d e

Metralhadora	.30	2.000 Jds	Pessoal	M 60 de 7.62 mm substituí- rá os 3 tipos existentes de 0.30
	.50	2.000 Jds	Pessoal	
	M 60 7.62 mm	2.000 Jds	Pessoal	
Lança- Rojão	3.5 pol	250 Jds	Carro de combate, abrigo de concreto	Introduzida durante a Guer- ra da Coréia
Canhão sem recuo	75 mm	1.000 Jds	Idem do lança-rojão	Está sendo padronizado
	90 mm (M 67) (T2 19)	600 Jds	Idem do lança-rojão	
	106 mm	1.500 Jds	Idem do lança-rojão	
Morteiro	81 mm	2.500 Jds	Pessoal	Cia Fz e Gpt Comb
	4.2 pol	4.300 Jds	Pessoal	
				Padronizado como sistema M40

MISSEIS E FOGUETES DO EXÉRCITO

A R M A	ALCANCE ÚTIL	A L V O S	DOTAÇÃO DE	O B S E R V A Ç Õ E S
Lacrosse	O da artilharia média	Os mesmos da artilharia	A C Ex	Grande precisão nas distâncias de apoio da artilharia. Em fase experimental
Corporal	75 milhas	Pontos fortes e concentração de tropas distantes	A C Ex	
Sergeant	Idem do Corporal	Idem do Corporal	A C Ex	Em desenvolvimento. Substituirá o Corporal
Redstone	Cerca de 200 milhas	Fortificações longínquas, grandes concentrações de tropa	A Ex	Em uso
Pershing	mais de 200 milhas	Idem do Redstone	A Ex	Em desenvolvimento
Little John	O da artilharia média	Artilharia	A D	Ambos são foguetes livres. O Honest John já está sendo empregado na tropa
Honest John	O da artilharia média e pesada	Artilharia	A D	
Nike	Ajax	Aviões em voo alto	Unidades anti-aéreas	O Ajax vem sendo substituído ou substituído pelo Hercules
	Hércules	Idem do Ajax	Unidades anti-aéreas	
Hawk	—	Aviões em voo baixo		O Hawk está sendo testado. O protótipo está em produção

III — O PROBLEMA DA DEFESA ANTIAÉREA. O IMPACTO DOS PROJÉTIS DIRIGIDOS NA SUA SOLUÇÃO

(Observações colhidas numa visita a instalações militares dos EE.UU)

Ten-Cel A. J. PAULA COUTO

As impressões e informações que passaremos a expor no presente trabalho, foram colhidas durante uma visita feita por um grupo de oficiais brasileiros, entre os quais figurava o autor, a instalações militares dos EE.UU. É nosso objetivo, ao publicá-las, difundir conhecimentos que julgamos altamente interessantes para todos os oficiais, nesta fase de acelerada evolução dos meios e dos processos de combate.

Se bem que, em sua essência, possam não constituir novidade para aqueles que labutam nas diversas escolas das Forças Armadas, que procuram manter seus currículos atualizados, estamos certos de que oferecerão motivo de alto interesse para a grande maioria dos oficiais.

a. Generalidades:

Até o ano de 1958, as publicações das escolas do Exército Norteamericano faziam constar na dotação de armas antiaéreas, além do NIKE Ajax, — este na proporção de um agrupamento por exército tipo — os canhões automáticos de 40 mm e os canhões de 75 e 90 mm. O canhão de 120 mm já tinha sido abandonado.

Daí para cá, levando em conta a velocidade, a altitude de vôo e o aperfeiçoamento dos processos de bombardeio dos modernos aviões a jato, a defesa por canhões entrou rapidamente em estado de obsolescência.

A introdução do NIKE, projétil dirigido superfície-ar (SA), veio sanar este inconveniente para a defesa contra aviões voando a mais de 10.000 pés de altura, continuando a cargo dos canhões a ação contra os que voavam abaixo daquela altura, devido às limitações do radar do sistema NIKE.

O conjunto da defesa, estabelecido da maneira esquematicamente exposta na figura 1, sofria, pois, desta deficiência na defesa contra aviões em vôo baixo.



Com o aperfeiçoamento e entrada em operação do novo projétil dirigido SA denominado HAWK (Homing All the Way Killer), que se destina a atacar aviões em vôo baixo, inclusive vôo rasante, todos os canhões antiaéreos estão em vias de ser por êle substituídos, realizando-se, então, o sistema de defesa da área do exército (escalon de comando) inteiramente à base de projéteis dirigidos.

b. A palavra autorizada de Fort Bliss:

Apresentamos em Fort Bliss uma série de perguntas, organizadas na Secção de Artilharia da EsCEME, as quais foram respondidas por escrito e são a seguir apresentadas, após devidamente traduzidas. Permitem elas melhor apreciar a transição que se opera da defesa por canhões para a defesa integralmente realizada por projéteis dirigidos. Apresentam-nos, também, outros aspectos interessantes do problema da defesa antiaérea. Eis as perguntas, com as respectivas respostas:

- P1 — Por que foi mudado o nome de “antiaircraft artillery” para “air defense artillery”?
- R1 — Nossas armas de hoje destroem qualquer objeto que voe. As aeronaves (aircrafts) são veículos sustentados pelo ar. Se a denominação indicasse apenas uma capacidade “antiaeronave” (antiaircraft), daria uma concepção errônea de nossas atuais possibilidades.

Por outro lado, “defesa aérea” (air defense) significa defesa contra qualquer objeto no ar e é, portanto, a denominação apropriada para a nossa artilharia.

Observação do autor — O que a Escola quer dizer, em resumo, é que a denominação antiga abrangia apenas a defesa contra aviões, enquanto que a atual, de caráter mais geral, inclui também a defesa contra os projéteis dirigidos.

- P2 — Quais são as funções normais dos três agrupamentos de artilharia de defesa aérea existentes no Exército tipo: o Agpt de canhões automáticos, o Agpt de canhões de 75 e 90 mm e o Agpt de NIKE?
- R2 — O NIKE é desdobrado através de toda a área do Exército, numa defesa em profundidade, com apoio mútuo entre as armas. As unidades de canhões de 75, 90 mm e de canhões automáticos, são desdobradas para proteger certas localidades e instalações críticas, tais como aeroportos, depósitos de suprimentos e centros de comunicações. Estas defesas de pontos críticos são integradas no conjunto da defesa aérea, com particular ênfase na utilização da capacidade de baixa altitude dos canhões. Tal tipo de defesa força os aviões inimigos a se elevarem mais no espaço aéreo, onde se tornam mais vulneráveis ao NIKE.
- P3 — O canhão de 120 mm foi abandonado?
- R3 — Sim; atualmente só há duas baterias em serviço, ambas no Panamá.
- P4 — Quais as missões normais dos dois agrupamentos de artilharia de defesa aérea existentes na artilharia de Corpo? Está certa a suposição de que o primeiro deles, o de canhões automáticos, se destine principalmente a reforçar as divisões?
- R4 — Normalmente a artilharia de defesa aérea do Corpo de Exército será desdobrada na defesa de instalações críticas, inclusive da artilharia de Corpo. As unidades de canhões automáticos podem reforçar as divisões, para a proteção das AD, aeroportos ou outras instalações críticas, contra ataques de aviões em vôo baixo. Não devemos esquecer que o longo alcance do NIKE se estende sobre a zona de ação das Divisões, contra alvos que voem dentro do horizonte do radar. À medida que as unidades de 75 mm forem substituídas pelo HAWK, as unidades de HAWK do Corpo e as de NIKE do Exército serão desdobradas numa defesa integrada, de modo a dar melhor cobertura a toda a área do Exército.
- P5 — Sendo hoje normal o emprêgo de baterias independentes de artilharia de campanha, particularmente as de obuses de 8" e as de Honest John, como se pretende protegê-las contra os ataques aéreos inimigos?
- R5 — A quantidade de artilharia de defesa aérea destinada a esta finalidade vai depender das prioridades estabelecidas pelo Comandante do Corpo e do número de armas disponíveis. Quando

os canhões forem substituídos pelo NIKE e pelo HAWK, a defesa cobrirá por inteiro a área do Exército e assim a artilharia estará protegida.

- P6 — É verdade que há hoje a tendência de substituir todos os canhões por projetis dirigidos (NIKE e HAWK) na defesa aérea? Seria possível a defesa aérea da área do Exército como um todo, empregando os projetis dirigidos e despreocupando-se da defesa de pontos críticos?

Observação do autor — Esta pergunta já foi respondida antes, como vimos. Entretanto, quisemos conservá-la aqui para poder reproduzir a resposta de Fort Bliss, contendo novos argumentos.

- R6 — Sim, é verdade. O NIKE, o HAWK e um novo sistema de mísseis autopropulsados de defesa aérea, destinado a substituir o canhão automático de 40 mm, equiparão os futuros Exércitos com uma "família" de armas de defesa aérea, constituída inteiramente de projetis dirigidos. Quando o NIKE e o HAWK forem disponíveis em quantidade suficiente, nós não usaremos mais a defesa de pontos.

- P7 — Como é concebida a defesa dos elementos de uma divisão pentômica contra os ataques aéreos do inimigo?

- R7 — O NIKE e o HAWK serão desdobrados numa defesa em profundidade, que cobrirá toda a área do Exército. A medida que este se desloca, a defesa aérea se deslocará por escalões, de modo comparável ao salto da rã, proporcionando, desta forma, uma cobertura contínua. As armas da "área avançada" (forward area weapons) — atualmente constituída pelos canhões automáticos de 40 mm e futuramente, pelo sistema de mísseis autopropulsados — serão desdobrados em pontos críticos ou sobre vias de acesso, de modo a proporcionar a defesa dos elementos mais avançados contra aviões em voo baixo. Se estas unidades forem desdobradas com suficiente densidade ao longo de toda a área, o inimigo poderá ser forçado às altitudes cobertas pelo NIKE Hércules. Os sistemas de armas se complementam reciprocamente, de modo a proporcionar uma defesa que tende a interditar a penetração inimiga no espaço aéreo.

- P8 — Qual será o papel da Força Aérea na defesa aérea do território dos EE.UU?

- R8 — O papel da Força Aérea neste sentido é muito grande. É ela responsável por um sistema de alerta e pelas missões de identificação e reconhecimento de alvos. O Comando de Defesa Aérea da Força Aérea possui também muitos caças de 1ª classe, armados com projetis dirigidos e foguetes ar-ar. Os aviões de caça têm alcance maior do que o dos projetis dirigidos do Exér-

cito e engajam normalmente o inimigo fora do alcance dos referidos projéteis; rompem o contato quando os aviões inimigos penetram dentro deste alcance, de modo a permitir que o Exército destrua os alvos sem causar danos aos aviões amigos.

c. **A transição na defesa continental dos EE.UU:**

Fenômeno semelhante ao que apresentamos para a defesa aérea da zona de combate, se passa na defesa do território continental. Todos os grandes centros e instalações importantes vão tendo sua defesa organizada por um conjunto de baterias NIKE, sendo que em muitas delas já se substitui o NIKE Ajax pelo NIKE Hércules, membro mais moderno e mais poderoso da família. As últimas defesas existentes à base de canhões vão sendo rapidamente substituídas pelo sistema NIKE.

Tivemos a oportunidade de visitar uma destas baterias, desdobradas no denominado **Norton Nike Site**. Constitui ela uma das 20 posições de desdobramento de baterias NIKE em torno da área de Washington-Baltimore. Esta área, de forma aproximadamente elíptica, tem as dimensões de 75 x 50 milhas, respectivamente, para o eixo maior e o eixo menor. O comando de defesa da área é exercido por uma Brigada de Defesa Aérea, subdividida em dois agrupamentos, um com dois grupos e outro com três. Cada grupo tem quatro baterias, sendo que quatro delas são duplas, inclusive a que visitamos, o que perfaz um valor total de 24 baterias para a defesa daquela área vital.

A situação desta bateria, como a de qualquer outra do sistema de defesa, é de permanente prontidão, podendo ser acionada a qualquer momento.

d. **O "Fire unit integration system":**

Não podemos deixar de fazer referência ao "Fire unit integration system", que é o sistema que permite às diversas baterias de um conjunto de defesa, saber quando um determinado alvo já foi apanhado antes pelo radar de uma outra bateria, de modo a que possa se despreocupar deste alvo, evitando as duplicações. Neste caso, no radar da primeira bateria que o apanhar, o sinal do alvo aparece normalmente, enquanto que nas telas dos radares das baterias que o apanharem posteriormente, o referido sinal aparece circunscrito por um círculo, indicando que o alvo "já tem dono".

Maiores detalhes sobre este assunto aparecem no interessante artigo "Missile Monitor", publicado no "Army", de janeiro de 1959.

e) **Conclusão:**

Para os oficiais não especializados em artilharia antiaérea, a quem principalmente se destina este trabalho, a grande conclusão a tirar é

a da rápida entrada em obsolência do canhão antiaéreo e sua gradativa substituição pelos projetis dirigidos e, como uma consequência do grande alcance destes últimos, a tendência do abandono da defesa dos pontos críticos, em benefício da defesa do conjunto das grandes áreas que os abarcam. Nota-se, ainda, a persistência do papel da Força Aérea na missão de defesa aérea, apenas aliviada pelo maior alcance e precisão dos meios terrestres.

No que se refere aos oficiais especializados, este trabalho servirá apenas como um ponto de partida para maiores estudos e investigações, dada a superficialidade que o caracteriza, que é bem o reflexo de uma visita também superficial, feita por oficiais não especializados, a quem não moveu a preocupação da exatidão e do detalhe.

*
* *
*

CASA NOSSA SENHORA APARECIDA

ARTIGOS RELIGIOSOS, ARMAS E MUNIÇÕES

ANTONIO SAMAHÁ

INSCRIÇÃO N. 21

PRAÇA NOSSA SENHORA APARECIDA, 72 — TELEFONE 134

CASA ITAGUASSÚ

Artigos Religiosos, Jóias, Relógios, Armas e Munições, Cutelaria,
Bijouteria e Miudeza em geral

HANI KHOURI

ARTIGOS FINOS PARA PRESENTE

PRAÇA NOSSA SENHORA APARECIDA, 59 — TELEFONE 287
APARECIDA — INSCRIÇÃO 1279 — ESTADO DE SÃO PAULO

IV — CAVALARIA 1960

Tradução do Ten-Cel de Cav C. EVARISTO

Não há mais dúvidas, no cérebro de qualquer homem de raciocínio normal, que sob o ponto de vista militar, nossa maior segurança reside em continuarmos a ter a possibilidade de desferir um golpe nuclear esmagador em quem quer venha a propiciar uma guerra geral. Este "deterrente" básico, essencial à estratégia ocidental, é proporcionado, hoje, pela Força Aérea Americana, e de uma tal forma que não parece provável uma troca de golpes nucleares. Todos os americanos e, na realidade, todos os membros do Mundo Livre, devem um voto de agradecimento aos nossos rapazes da força aérea pelo magnífico trabalho que vêm realizando há vários anos.

Aceitando a proposição acima como um axioma, os pensadores militares de visão larga estão concordes em que a área mais provável de emprêgo das forças militares americanas, em futuro previsível, estará compreendida dentro do bastante amplo "spectrum" do que é por vezes denominado guerra limitada. Esse tipo de guerra só pode ser definido pelos seus extremos, um dos quais já citado acima — guerra limitada é algo menos que uma troca de golpes nucleares gerais entre as maiores potências. O outro extremo é menos claro em sua definição. Para os efeitos deste artigo consideremos que esse segundo extremo inclua uma ação militar semelhante a que teve lugar no Líbano em 1958. É, então, entre esses dois extremos, que se situa a área a que nós, do Exército, devemos devotar uma atenção cuidadosa e detalhada no desempenho de nossas responsabilidades na condução de operações terrestres.

Ninguém pode afirmá-lo com segurança, mas parece a muitos que a área mais provável de operações militares limitadas é o arco, em forma aproximada de crescente, que abarca a periferia sul e sudoeste da União Soviética. Referimo-nos, aqui, ao sudeste da Ásia, incluindo o Laos, Vietnam, Tailândia e Birmânia, prolongando-se pelas costas norte do Oceano Índico e, mais para oeste, pela Turquia e seus vizinhos. A África do Norte não deve, também, ser excluída dessas considerações geográficas.

Nas áreas acima parece haver duas considerações militares principais a que devemos dispensar o máximo de atenção. A primeira é a rede de transportes de superfície, a qual é falha em sua maioria e primitiva em grande parte. Como sabemos, nossa organização atual, com suas vastas necessidades logísticas, aconselha o emprêgo das forças

militares americanas em áreas que disponham de um sistema de transportes extremamente desenvolvido. O segundo ponto a ser mantido em nossas mentes é que às forças militares contra as quais poderemos ter que nos bater serão, provavelmente, um tanto simples, isto é, terão uma organização determinada, os meios de transportes serão básicos e o armamento se limitará a armas de pequeno porte e às de menor calibre para os fogos indiretos. Isto não quer dizer que, dentro de uma ou duas gerações, nossos possíveis antagonistas não estejam equipados com material mais avançado e treinados para o seu emprêgo. Cingimo-nos, agora, ao presente e aos próximos 10 ou 15 anos. Parece improvável, dentro desse período, que forças militares, organizadas ou subversivas, na área considerada, evoluam para uma organização militar mais complexa.

Prosseguindo nessa linha de pensamento, seríamos temerários se não previssemos um tipo de operações fluidas, exigindo um grau de mobilidade desconhecido das armas americanas desde os dias da Guerra Civil. Talvez convenha uma ligeira pausa para esclarecer alguns mal-entendidos com relação a essa expressão, que existem atualmente. Mobilidade é, simplesmente, a possibilidade de se deslocar com maior rapidez e objetividade do que nosso oponente, no campo de batalha, sendo, sempre, uma proposição comparativa. Deve-se ter em mente que, quaisquer que sejam os defeitos possam ter, nossos adversários potenciais possuem uma mobilidade desenvolvida a um grau surpreendente. Na realidade, quase pode dizer-se que sua sobrevivência se deva, principalmente, ao exercício de sua superior mobilidade. Basta que se olhe a situação de hoje, na Argélia, para que se verifique a veracidade dessa assertiva. Indochina e Coréia são exemplos históricos anteriores.

Nosso problema básico é, então, aperfeiçoar a capacidade de deslocar o "poder de fogo decisivo" para a região onde possa ser empregado com mais eficiência. O assustador adiantamento da tecnologia americana pouco valerá se não puder responder a essa necessidade.

Parece, então, que devemos aperfeiçoar e organizar, tão rápido quanto possível, uma força de Cavalaria que possa reconhecer e dar segurança às nossas unidades de "poder de fogo decisivo".

O núcleo de uma tal força encontra-se, atualmente, sendo submetido a experiências em Fort Stewart, Georgia. Para diferenciá-la da mal sucedida "Cavalaria do Céu", cujo conceito não encarou o poder de fogo orgânico a ser proporcionado, o conjunto ora em experiência é denominado "Esquadrão de Segurança e Reconhecimento Aéreo", ou, abreviadamente, Esqd SRA.

Baseado na doutrina estudada na Escola de Blindados do Exército Americano, o primeiro Esqd SRA foi organizado em setembro de 1959, sendo seus homens retirados do efetivo da 2ª DI americana, de Fort Benning, Georgia. Esses homens, em agosto, eram apenas recrutas em treinamento na DI — polícias militares, fuzileiros dos Grupamentos

de Combate, e aviadores da Cia de Aviação da Divisão. Não havia, no lote, ninguém "experimentado". Nos quatro meses seguintes, esse grupo tem sido amalgamado em um bem treinado conjunto de peritos cavalarianos alados. A única liga para esse amalgamento é um "espírito" e um sentimento de pressa, por parte de cada componente do Esquadrão. Visitá-los e conversar com eles é o bastante para reacender a fé até nos mais desiludidos.

Fundamentalmente, o Esqd SRA é uma tropa de cavalaria que se utiliza de veículos aéreos armados em substituição aos veículos terrestres, e se desloca acima do solo, a uma altura variável entre 1,5 e 3,0 m, em lugar de se deslocar na superfície. Tem sido um pouco difícil, para alguns observadores, compreender este conceito fundamental. Como a unidade dispõe de helicópteros há quem lhe atribua missões que são, mais adequadamente, encargo da Cia de Aviação da Divisão. Tal raciocínio é, obviamente, falso, pois, do ponto de vista de emprêgo tático, confundir o Esqd SRA com a Cia de Aviação da Divisão seria pior do que confundir o esquadrão de reconhecimento do grupo de cavalaria da divisão com uma companhia de carros de combate de um batalhão de carros.

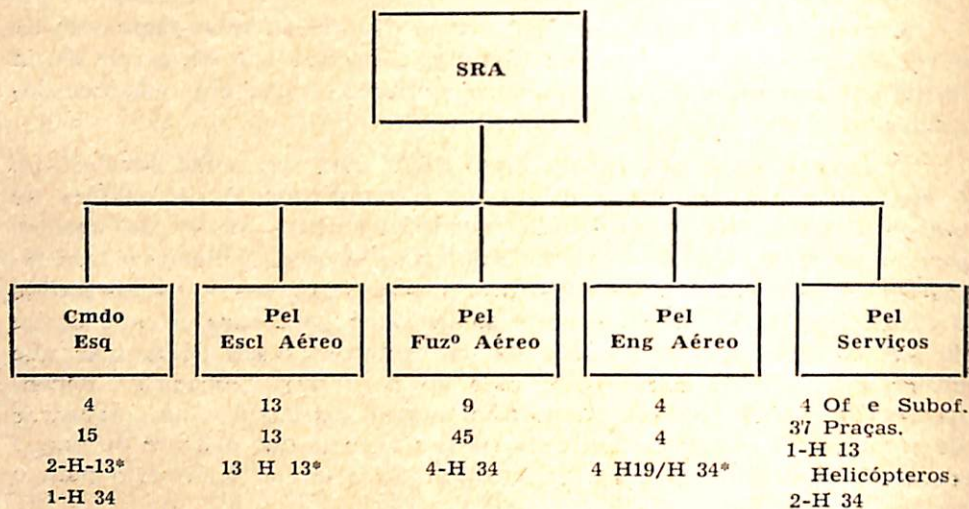
A presença de um Esqd SRA numa divisão ou num regimento de cavalaria não anula, de forma alguma, a necessidade da permanência de uma companhia de aviação para utilização vária em qualquer daquelas unidades.

O aspecto mais notável do Esqd SRA, para um velho cavalariano, é sua autonomia muito ampla para o cumprimento de missões no tempo e no espaço. Possuindo, verdadeiramente, poder de choque, devido às metralhadoras dos helicópteros de esclarecimento e aos foguetes de seus veículos de engenhos, apoiados por um ou vários grupos de fuzileiros, o Esqd SRA pode se deslocar para uma área a 30 ou 40 km de distância, em cerca de 25 minutos. Além disso, logo que chega, está pronto para o combate ou para uma "olhadela", dependendo das circunstâncias. A mesma missão, atribuída a um esquadrão de reconhecimento terrestre, exigiria muito mais que o dôbro do tempo para ser cumprida. E não foi considerado o tempo necessário para o regresso, se fôsse o caso.

Outro exemplo: este observador teve ocasião, recentemente, de visitar o Esqd SRA durante um exercício de treinamento antecedendo a uma experiência. O comandante do Esquadrão, um tipo tão ousado de cavalariano quanto se poderia desejar, estava nos prestando esclarecimentos sobre sua missão. Delimitando, cuidadosamente, a área de reconhecimento que lhe fôra atribuída, com cerca de 8 por 32 km, reclamou: "O único problema é que uma área tão pequena não me dá a oportunidade sequer de empregar todo meu pelotão de esclarecedores a um mesmo tempo. Podemos cobrir essa área como um lençol, com uma seção de helicópteros de esclarecimento, e deslocar os pelotões de fuzileiros ou de engenhos, no todo ou em parte, para qualquer ponto, dentro de 15 minutos. O que necessitamos é uma área suficientemente

ampla para empregar todo o Esqd simultaneamente". Lembrem-se de que êle falara de uma área de cerca de 250 km², inteiramente cortada por estradas, trilhas e caminhos.

De maneira que foi organizado para experiência o Esqd SRA se compõe de 35 oficiais e suboficiais aviadores e 115 praças, para cujo transporte são utilizados 16 helicópteros de reconhecimento e 11 de transporte de carga ou de material. Todos os helicópteros de reconhecimento, com exceção da ambulância aérea, são dotados de duas metralhadoras fixas conjugadas. Os veículos do pelotão de engenhos, 4 dos helicópteros de transporte, acham-se armados, cada, com 32 foguetes de 4,5 polegadas, além de conjuntos de metralhadoras. Os restantes helicópteros maiores não dispõem de armamento, na sua forma atual, conquanto se considere já a possibilidade de equipá-los, ainda que ligeiramente, armando-os, no mínimo, com metralhadoras móveis. Há, ainda, uma tralha terrestre de veículos sobre rodas, usados, principalmente, com objetivos administrativos, de rancho e de suprimentos. Apresentamos, abaixo, um organograma ultra-simplificado, do Esqd SRA.



(*) Armados.

O estado de treinamento do Esqd, após, apenas, 15 semanas de trabalho, e, assim mesmo, prejudicado por inúmeros problemas de falta de equipamento, é quase miraculoso. Chefes de guarnição de pelotão de esclarecedores, que, quatro meses antes só conheciam de tática a manobra dos cabos das ferramentas, estão se comportando de maneira notável como observadores aéreos. Além de servirem como navegadores para os pilotos, observam e informam a retaguarda sobre o terreno e o inimigo, com tanta correção que mesmo os mais experimentados sargentos, mestres no assunto, se sentem entusiasmados. Admitem, no entanto, que haja nisso motivos egoísticos — autopre-

servação. Não só os helicópteros de esclarecimento, como o restante do Esqd, operam a uma altura normal de 3 m, ou menos, acima do nível do solo. O piloto se ocupa inteiramente em livrar seu aparelho de obstruções tais como fios, ramos de árvores, etc., além de controlá-lo de forma a permitir uma exposição mínima à observação inimiga. Deve, ainda, estar voando em uma situação tal que lhe permita abrir fogo com suas armas sobre objetivos inopinados, o que tem sido descrito como algo muito semelhante com fazer pontaria e atirar com uma arma livre, trepado numa esfera e sacudindo uma batedeira de coquetéis com uma das mãos. Assim, grande parte depende do tripulante do assento da direita — mecânico da tripulação, encarregado da navegação e da observação e radioperador, tudo investido da pessoa de um mesmo cavalariano alado.

Os componentes do pelotão de fuzileiros têm, também, sua parcela de louvor, como, aliás, todos os integrantes da organização. Esse grupo de homens, oficiais e praças, estão perfeitamente convictos de que se acham participando de uma experiência tão importante, dentro do Exército, nos últimos anos, como todas as outras, no que diz respeito à mobilidade.

Na realidade há, ainda, alguns "furos" a serem tapados, o que é um dos principais objetivos da experiência, pois o conceito fundamental de uma unidade de reconhecimento aéreo armado já foi compreendido por todos os pensadores militares, como sendo um imperativo essencial na guerra moderna.

Uma deficiência significativa é a reduzida capacidade do atual Esqd numa eventual destruição de carros de combate. Sob algumas condições ideais os foguetes do pelotão de engenhos poderiam obter resultados satisfatórios contra blindados, o que se aplica, também, ao grupo de foguetes da esquadra ou apoio do pelotão de fuzileiros, mas, de um modo geral, o Esqd não tem possibilidades anticarro digna de relêvo. Uma solução imediata para essa deficiência poderia ser a utilização de mísseis anticarros, tais como os franceses SS-10 e SS-11, em metade dos helicópteros, bem como reforçando o pelotão de engenhos. É quase certo que a experiência fará ressaltar esse aspecto.

O problema das comunicações que o Esqd tem que encarar atinge as raias do fantástico. Com necessidades de contato pela voz ar-ar, ar-terra e terra-terra, usando aparelhagem FM e AF, levando-se em conta ainda as exigências de equipamento de navegação, e sem citar a aparelhagem imprescindível aos vôos não de combate, em tempo de paz, num espaço disponível controlado pelo Departamento de Aviação Federal, a combinação de necessidade desafia a imaginação. Torna-se necessário um conjunto eletrônico que possa atender razoavelmente às exigências e ser, ainda, bastante leve e eficaz para o uso de ambos os componentes da unidade — os elementos aéreos e os elementos terrestres. Há, nesse ponto, uma necessidade de correção urgente e oportuna.

O "furo" final, se assim podemos dizer, é o que os estudantes de algumas escolas chamam de "falta de poder de permanência", que tem o esquadrão. Este aspecto parece ser mais uma questão de instrução do que outra coisa. Mesmo porque, nenhuma fração de uma arma combatente gosta de ser considerada como uma organização "caçula assanhado" que se desloca rapidamente até encontrar uma luta séria quando, então, apela para o "irmão mais velho", o que, gostem ou não, é exatamente o que fazem todas as frações de Cavalaria, na maioria das vezes. A razão de sua existência é poupar ao "irmão mais velho" o tempo e a energia que seriam gastos na busca e na fixação do inimigo, de forma tal que, quando chega a ocasião de ser executada a última fase da famosa trilogia, o "irmão mais velho" não se acha demasiado exausto pelas fases anteriores, podendo, assim, realizar um belo serviço na vítima. O Esqd SRA não é uma exceção; seu equipamento complexo e seus altamente treinados especialistas, os cavaleirianos alados, não devem ser malbaratados pelo emprêgo em missões outras que não as de reconhecimento e segurança e ações de retardamento, a não ser que não haja qualquer outra alternativa e a situação exija o emprêgo de todos os meios. Se tal situação se apresentar, e quando se apresentar, podemos confiar que os cavaleirianos do SRA lutarão conosco ombro a ombro, pelo tempo que fôr necessário.

Já havendo tocado, embora ligeiramente, naquilo que, na nossa opinião, parece precisar de melhoras no Esqd SRA, há necessidade de citar, apenas, alguns outros aspectos adicionais, a saber, a vulnerabilidade, o equipamento e a organização. Não entraremos em detalhes, limitando-nos ao que, esperamos, seja o suficiente para estimular a imaginação criadora do leitor.

Certos "donos da verdade" previram que a idéia do SRA seria desastrosa, baseando-se na grande vulnerabilidade do helicóptero aos fogos do inimigo, o que tornaria impossível sua vida no que é denominado "moderno campo de batalha". Conquanto essa previsão pudesse, de fato, ter alguma base anteriormente, quando se suponha que a altura ótima para o emprêgo de aeronaves do Exército, fôsse até cerca de 150 m acima do solo, a idéia torna-se plausível quando se considera a técnica de vôo desse Esqd. Um jovem tenente aviador do mesmo ilustrou esse ponto, recentemente, num dos raros momentos de lazer, quando falava sobre o regresso, ao Aeroporto Lawson, do Exército, que atende a Fort Benning, após uma sessão de vôo tático no seu helicóptero de esclarecimento: "Ficamos aqui em baixo, durante tanto tempo, procurando nos desviar de tocos e vacas, que todas as vezes que subo para os níveis normais de tráfego, eu temo vir a ter uma hemorragia nasal das grandes altitudes". Sobre o mesmo assunto, como citamos anteriormente, temos muito o que aprender com as experiências militares dos franceses na Argélia. Desde novembro de 1959, o Exército Francês acusa mais de 35.000 horas de vôo em missões de combate com seus aparelhos na Argélia; durante esse período, menos de meia dúzia de helicópteros foram destruídos pelo fogo terrestre do

inimigo! Como observação final sobre o assunto podemos citar um ditado local: "A caça aos patos não seria tão engraçada se os patos também atrasassem". Além disso, não vimos nenhum dos "donos da verdade", a que nos referimos neste parágrafo, em Fort Stewart, nas últimas semanas.

Com relação ao equipamento, termo que usamos aqui num sentido restrito, abrangendo apenas o equipamento de vôo, admite-se que o H-13 Sioux e o H-34 Choctaw têm ponderáveis limitações, enquanto o H-19 Chickasaw é um aparelho obsoleto. Esse foi o melhor equipamento de que pôde dispor o esquadrão, dentro dos limitados recursos que lhe foram dados para sua preparação e treinamento. O conceito de um Esqd SRA não chegou provavelmente, a passar pelas cabeças daqueles inteligentes e dedicados companheiros que definiram, há cerca de 10 anos, as características que deveriam possuir essas aeronaves. Mas há um helicóptero, que atualmente está sendo entregue às tropas, o qual proporcionará um avanço substancial no campo do equipamento — é o HU1 Iroquois, cuja forma atual o indica como o tipo ideal de helicóptero de esclarecimento e de engenhos. Prevê-se um aperfeiçoamento, em futuro próximo, que permitirá ao HU-1 transportar tanto quanto 12 fuzileiros com equipamento de combate, e este modelo satisfará as necessidades do pelotão de fuzileiros. São muitas as vantagens operacionais e logísticas de se ter uma unidade dessa espécie dispondo de um único tipo de aparelhos. A evolução desse aspecto merece ser observada.

Temos, finalmente, a organização. Como vimos acima, o esquadrão acha-se organizado, atualmente, à base de pelotões de um mesmo tipo — esclarecedores, fuzileiros e engenhos, sistema que permite, na verdade, um muito bom rendimento. Existem, por outro lado, argumentos razoáveis para a integração dos recursos do esquadrão no nível pelotão, organizando-o à base de três pelotões de fuzileiros, por exemplo, cada um deles dispondo de elementos de esclarecedores, de fuzileiros e de engenhos. Esta discussão sobre nível de integração tem se prolongado nos refeitórios do esquadrão e nos cassinos, sem citar outras salas apinhadas da Escola de Blindados, desde muito tempo. No final de contas, enquanto o esquadrão puder operar com eficiência com qualquer das organizações -- pelotões simples ou pelotões integrados — no cumprimento das missões, a decisão sobre qual a estrutura básica a ser adotada é relativamente acadêmica.

Quanto à subordinação do Esqd SRA, todas as razões parecem indicar deva ele ser orgânico do Grupo de Cavalaria. Conquanto haja muitos argumentos ponderáveis em contrário, a razão e a lógica parecem favorecer definitivamente a idéia acima em lugar da criação do Esqd como uma unidade isolada de um escalão superior.

Expusemos assim, o que é a nossa última contribuição à arte das operações em veículos. O conceito do SRA é, indiscutivelmente, correto. Os equívocos em sua organização e doutrina, quaisquer sejam

êles, serão corrigidos como um resultado da experiência que ora se realiza. Ainda assim, mesmo com posteriores modificações, não será atingida a perfeição até que organizemos e treinemos um número substancial de esquadrões, juntamente com as outras forças táticas.

Trabalhando dentro da moldura da estrutura de combate do Exército, suas arestas serão desbastadas. Mais importante ainda, é que aqueles dentre nós que precisam da mercadoria que o Esqd SRA tem à venda — reconhecimento, preciso e rápido, e segurança para as unidades do Exército com “poder de fogo decisivo” — aprenderão a tirar dêle o máximo de proveito. O resultado será uma força terrestre de maior mobilidade, capaz de se deslocar mais rápida e objetivamente do que qualquer outro exército do mundo, regular ou irregular. Enquanto esperamos que as engrenagens do progresso remoeam este vital assunto, cabe-nos pensar, e pensar com afinco, sobre como explorar essa nova potencialidade.

FÁBRICA DE CLORATO DE POTÁSSIO — CLORATO
DE SÓDIO

NITRATO DE POTÁSSIO — PRODUTOS ERVICIDAS

CIA. ELETROQUÍMICA PAULISTA

FÁBRICA EM JUNDIAÍ (SP)

Escritório:

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 36 - 13º and.

Caixa Postal 3827 — Fone : 33-6040

SÃO PAULO